Sociedade dos Amigos do Museu de Francisco Tavares Proença Júnior

# MATERIAES



Sociedade dos Amigos do Museu de Francisco Tavares Proença J.ºr

## **MATERIAES**

Castelo Branco 2019

#### OS PODOMORFOS DE SERRASQUEIRA (CASTELO BRANCO) E DE PEDREIRA (PROENÇA-A-NOVA): NOTÍCIA

Francisco Henriques\*, João Caninas\*\*, Anabela Joaquinito\*\*\* e Luis Bravo Pereira\*\*\*\*

#### Introdução

Com esta notícia pretende-se divulgar quatro podoformos identificados nos concelhos de Castelo Branco e de Proença-a-Nova. O primeiro, associado ao topónimo Rasto da Moura, encontra-se junto da aldeia de Serrasqueira (Sarzedas, Castelo Branco) e o segundo localiza-se na aldeia de Pedreira (Proença-a-Nova), lugar actualmente despovoado.

Entendemos por podomorfos as figuras com formato de pés humanos (calçados ou descalços) ainda que possam tomar vários aspectos que por vezes apenas se aproximam do contorno do pé. Tecnicamente, apresentam-se nas formas picotada, incisa, mais ou menos profunda, em baixo ou alto-relevo. São gravuras realizadas sobre suportes rochosos com destaque para as superfícies metassedimentares (vulgo xisto-grauvaque) e eruptivas (vulgo granito). Este tipo de representação está presente em todos os continentes e corresponde a uma grande amplitude de cronologias (http://www.rupestre.net/tracce/?p=9257).

Em Portugal ocorrem essencialmente a norte do Tejo, observandose duas áreas de maior concentração, situando-se uma entre Viseu e Vila Velha de Ródão, com destaque para as bacias dos rios Ceira e Alva, e a outra, ainda que mais dispersa, em toda a região transmontana (Ribeiro *et al.*, 2010:202). Em 2018, José Moreira defendeu, na Universidade do Minho, uma dissertação de mestrado onde inventaria e estuda 219

Investigação em Tecnologias das Artes (Universidade Católica Portuguesa).

<sup>\* \*</sup>Arqueólogo, Projecto Mesopotamos, Campo Arqueológico de Proença-a-Nova (CAPN) e Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT) \*\* Arqueólogo, Projecto Mesopotamos, CAPN, AEAT e CHAIA (Universidade de Évora) \*\*\* Arqueóloga, APIA-Associação Portuguesa de Investigação Arqueológica \*\*\*\* Investigador do Centro de Estudos em Arquitectura e Urbanismo (Universidade do Porto) e do Centro de

podomorfos, distribuídos por 34 painéis, localizados em 30 diferentes sítios, na fachada ocidental do noroeste de Portugal, entre os rios Douro e Minho. No sul do país e no litoral a sul do rio Douro são um motivo raro (Ribeiro *et al.*, 2010:202).

Os sítios com podomorfos mais próximos de Pedreira e Serrasqueira são: a sul, o complexo de arte rupestre do vale do Tejo, onde foram identificados "62 podomorfos singulares e dois pares de podomorfos unidos pelos bordos internos" (Gomes, 2010:238). Estes motivos estão distribuídos pelas várias estações e núcleos de arte rupestre das margens rochosas do rio Tejo, entre a foz do rio Sever e a foz do rio Ocreza; a norte, a poucos quilómetros de distância, nas serras do maçico de Alvélos (concelho de Oleiros), há a considerar as duas rochas de Sesmarias (Serra Vermelha), com cerca de 30 podomorfos, singulares ou aos pares, onde são motivo quase exclusivo à excepção de um antropmorfo, e no do Alto do Pobral (serra da Lontreira), um podomorfo isolado (Caninas *et al.* 2008). Nesta região, as rochas metassedimentares (Grupo das Beiras) são o suporte utilizado. As técnicas são a picotagem, a incisão e o baixo-relevo.

Estas gravuras têm dimensões muito variáveis. Na arte do Tejo, M. Varela Gomes documenta tamanhos a variar entre 11,5cm em Fratel e 29cm em Gardete (Gomes, 2010:240 e 246), com uma média de 18,3cm. Segundo o mesmo autor (Gomes, 2010: 239) a médias dos 110 podomorfos estudados no sítio de Alagoa (Tondela) é de 21,3cm e a média dos 28 exemplares estudados no Monte de Góis (Lanhelas, Caminha) é de 23,4cm.

Sem referir medidas concretas, Nuno Ribeiro (2010:208) menciona "podomorfos de neonatos, com poucos centímetros de comprimento, aparecendo quase sempre aos pares, um esquerdo e um direito" e a representação de pés de adultos, coexistindo frequentemente no mesmo painel.

Tendo em conta a dimensão, os 219 podomorfos inventariados (Moreira, 2018: 306-309 e 280) entre os rios Douro e Minho têm a seguinte distribuição: 44 (20,1%) com menos de 17cm de comprimento corresponderiam a crianças com idade inferior a 6 anos; 109 (49,77%) com comprimento entre 17cm e 22 cm pertenciam a jovens com 14/15

anos; 51 (23,28%) exemplares, com valores a oscilar entre 23cm e 32cm corresponderiam a indivíduos com mais de 14/15 anos; quatro (1,8%) com medidas entre 33cm e 40 cm; outros quatro (1,8%) tinham mais de 40cm, designados pelo autor de dimensão extraordinária, anormal ou irreal; em sete (3,19%) casos não foi possível determinar o tamanho.

Nas serras da Cordilheira Central, a orientação dos podomorfos pode estar associada ao horizonte observado, aquando do solstício de Verão, uma vez que se encontram maioritariamente orientados a NO-SE (Ribeiro *et al.*, 2010:204). Na arte do Tejo, a orientação deste tipo de gravuras é registada mas não lhe é atribuído um significado específico (Gomes, 2010: 240). Neste conjunto de 66 gravuras não existe registo para 32 casos (48,48%), em oito situações (12,12%) a orientação é E-O, em sete (10,6%) é de SE-NO e em seis (9,09%) é de S-N. Para a faixa ocidental de Portugal, entre os rios Douro e Minho, observa-se uma dominância da orientação a NO com 126 casos (57,5%), 18 (8,2%) exemplares a SE, 17 (7,8%) a O e finalmente 15 (6,8%) orientados a M. Os podomorfos de Sesmarias (Oleiros) não têm uma orientação predominante.

Nas últimas décadas têm sido vários os quadros tipológicos propostos para a sua classificação. Para os 110 podomorfos de Alagoa (Tondela) foram propostas sete categorias, com algumas subcategorias 155-156). Estas Monteiro. 1974-1977: (Gomes fundamentam-se em critérios morfo-métricos em que o comprimento e dois eixos perpendiculares (larguras L1 e L2) dividem a pegada em três partes iguais (zona anterior, mesial e posterior), tendo sempre em conta que o pé se encontra na vertical sobre o calcanhar. Assim, "as relações de simetria entre estas três zonas, o índice dos eixos de largura L1 e L2 e as formas dos bordos e dos calcanhares constituem os traços distintivos na definição deste catálogo de formas". Para a análise dos podomorfos da arte do Tejo é seguida (Gomes, 2010: 238-239) a metodologia anterior com nove categorias.

Para os Vales dos rios Ceira e Alva foi proposta (Ribeiro *et al.*, 2010:201) uma tipologia com oito categorias e seis subcategorias: descalços [com decoração interior e sem decoração], martelados [sem sola e com sola], sem decoração [sem sola e com sola], sandália, com fossete, com sola e fossete, com apêndice e por último com decoração interior e espinha.

Para o noroeste de Portugal são propostas apenas três grandes categorias de podomorfos (Moreira, 2018:278): descalços (118 exemplares); calçados (81 casos) e indeterminados (20 podo-morfos). A categoria de calçados contempla quatro subcategorias: com sola simples (39); com tacão (40); com tacão e picotado (1) e com sola simples e traços irregulares (1). Este autor levanta a hipótese dos podomorfos calçados e descalços poderem corresponder a diferentes categorias sociais (Moreira, 2018:307).

Do ponto de vista interpretativo é admitido que as pegadas possam "simbolizar a presença ou passagem de certos personagens que, tendo realizado uma viagem sagrada (uma peregrinação) as dedicaram a uma divindade" e acrescenta "às quais se prestava culto ou veneração muito possivelmente femininas e, no presente caso, ligado às água fluviais" (Gomes, 2010:246), revelando assim "a existência de um «movimento» ou expressão de uma conduta ritualizada fixada sobre as rochas". Além disso, as rochas gravadas com podomorfos "devem corresponder a pars pro toto, ou a parte pelo todo, de divindades, ou seja, a presença de importantes personagens, epifanias ou hierofanias, capazes de protegerem do mal e de conferirem força e bem-estar. Tais entidades podem ter desaparecido no interior das rochas, deixando como testemunho apenas as pegadas, ou seja, os testemunhos da sua passagem terrena" (Gomes, 2010:242).

Nas bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva, as rochas com podomorfos surgem associadas a rotas naturais de pessoas ou animais, à mineração, a antigos caminhos, a locais de culto e a cursos de água, sendo aventada a hipótese da "ligação dos podomorfos à religião e a antigos cultos" (Ribeiro et al., 2010: 209). Segundo aqueles investigadores "documentou-se uma possível existência de relações dos sítios da arte rupestre com marcos astronómicos, nomeadamente o Sol e

a Lua, a montanha e a água, nomeadamente o domínio visual sobre estes" (Ribeiro et al., 2010: 210). Em suma "a representação podomórfica pode assim provavelmente ter vários significados, dependendo da época em que foram gravados e o contexto em que se inserem. Existe desta forma um aparente conjunto de motivos e de razões para que o homem grave nas pedras uma parte do seu corpo, imortalizando um determinado momento e um pouco de si" (Ribeiro et al., 2010: 210).

Na opinião de José Moreira os afloramentos com podomorfos são hipoteticamente "lugares onde se terão realizado peregrinações ou cultos relacionados com ritos de passagem, em grande parte relacionados com a passagem da idade infantil para a idade adulta, efetuados por jovens de diferentes grupos sociais, que se distinguiriam pelo tipo de vestuário, neste caso o calçado, fundamentalmente durante os meses de primavera e de verão, embora o momento do solstício de verão parece ser a data preferencial. De notar que há também alguns podomorfos de adultos que poderão corresponder aos indivíduos que acompanham os mais jovens ou que fazem este tipo de viagem/peregrinação em época mais tardia" (Moreira, 2018: 313).

Alguns autores consignam uma cronologia muito aproximada para os podomorfos. As rochas de Alagoa (Tondela) são atribuídas "à última fase do Bronze Final prosseguindo pela Idade do Ferro" (Gomes & Monteiro, 1974-1977:162), com possível perduração para a Época Romana, em alguns contextos. Na arte do Tejo, os podomorfos são atribuídos a um lapso temporal que medeia entre a Idade do Bronze Final e o início da Idade do Ferro, "atribuição conferida não só através das numerosas sobreposições, como pela variedade técnica de execução de muitos, devido ao uso de artefactos metálicos, de bronze ou de ferro" (Gomes, 2010:242). Sobre os numerosos núcleos de podomorfos identificados nas bacias dos rios Alva e Ceira não temos registo de cronologias (Ribeiro et al., 2010). Aos motivos da faixa atlântica, entre Douro e Minho, é atribuída uma cronologia que medeia entre os "finais do Calcolítico, inícios da Idade do Bronze, alcançando o seu auge no decorrer deste último período e terminando pelos inícios da Idade do Ferro" (Moreira, 2018: V).

#### 1. Rasto da Moura (Serrasqueira<sup>2</sup>, Sarzedas)

O sítio do Rasto da Moura<sup>3</sup> localiza-se a cerca de mil metros a sudeste da aldeia de Serrasqueira, na freguesia de Sarzedas do concelho de Castelo Branco, imediatamente a norte do caminho de terra batida que liga a praia fluvial do Muro à estrada secundária que liga Vilares de Cima a Serrasqueira (figura 1). Localiza-se mais precisamente na margem esquerda da Barroquinha do Muro e de uma outra torrente de menores dimensões, junto da confluência de ambas. Estas linhas de água são de carácter sazonal.

A área apresenta-se em declive suave para a ribeira do Tripeiro, localizada a este dos painéis gravados. O coberto vegetal é formado por pinheiros, carrasqueiros, estevas, arbustos diversos e herbáceas, junto das linhas de água (figura 2).

A erosão fluvial pôs a descoberto afloramentos de rocha, junto do seu curso. Estes afloramentos, à cota de 253m, apresentam superfícies irregulares, substancialmente retalhados segundo o plano de xistosidade e revestidos por abundantes líquenes e musgos, além de solo oriundo da encosta.

Numa das superfícies mais regulares identificaram-se três podomorfos (figura 3), dois dos quais formado um par. Num outro painel, de pequenas dimensões, foi observado um picotado disforme, em forma de uma nuvem (figura 4).

No par, o podomorfo do lado sul representa um pé esquerdo, descalço, em baixo relevo, com o calcanhar e a área metatársica rebaixadas, isto é, seguindo a modelação natural do pé normal. Tem

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> O senhor Ricardo Alexandre contou que no tempo do bisavô da mulher, há 300 ou 400 anos, viviam *mouros* naquela região e que as *mouras* vinham fiar, para a casa da família, e amassar farinha e cozer pão na pedra do lar (lareira). Nestes serões havia a promessa de apenas as mulheres estarem presentes. Um dia acabou-se o linho e para as mouras não voltarem lá para casa o tal bisavô vestiu-se de mulher e sentou-se à lareira. Quando elas chegaram e o viram disseram: *irra Maria que ele tem barbas mas não fia, nem o armo desce nem o fuso cresce* e foram embora. Esta convivialidade e contemporaneidade com *mouros* foi igualmente registada em Sarnadas de São Simão (Oleiros).

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> O achado foi motivado pelo topónimo "Rasto da Moura".

19,6cm de comprimento, 8cm de largura máxima e 5,5cm de largura no calcanhar. Não se observa picotagem na superfície plantar que foi rebaixada e parece ter sido polida por abrasão, ainda que se encontrem vestígios de picotagem grosseira nos bordos. A profundidade varia entre 1,5cm, no calcanhar e área metatársica, e 0,5cm, em áreas do pé que exercem menor pressão. Encontra-se orientado no sentido de O-E (270° N).

No mesmo painel, a norte da figura anterior, à distância de 6cm a 7cm, com quebras da superfície rochosa, existe um outro podomorfo correspondente, também, a um pé esquerdo, descalço, em baixo relevo, com 24cm de comprimento e 10cm de largura<sup>4</sup>. A extremidade anterior é semi-circular. O fundo da pegada, nas zonas mesial e posterior, tem superfície irregular, consequência de pequenas fracturas da rocha, de dois pequenos filões de quartzo leitoso ou pelo facto de nunca ter sido afeiçoado. A profundidade não excede 0,4cm. A parte anterior da pegada está orientada a SO (220° N). Ainda neste painel, a leste do par de podomorfos, existe um outro correspondente a um pé direito, em baixo relevo, no qual foram utilizadas as técnicas de picotagem na delimitação da sua forma, seguida de rebaixamento por abrasão. Ambas as extremidades são semi-circulares com uma superfície ligeiramente irregular, com uma profundidade entre os 0,5cm e 0,7cm. Este podomorfo tem 19,9cm de comprimento, 11cm de largura e uma orientação no sentido N-S (258°N).

A cerca de 6m a sudeste do par de podomorfos, em pequena superfície, existe uma mancha de picotado grosso, pouco profundo e não contínuo (figura 4).

De realçar a intencionalidade na escolha do suporte, num local de visibilidade, em ponto relacionado com a água ou vias de acesso a ela, e que se distingue na paisagem. A destruição natural de gravuras impede muitas vezes a compreensão do contexto de visibilidade e a visualização dos painéis que existiriam e que complementavam uma realidade só parcialmente visível actual-mente (Segura, 2005: 174-175).

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Não foi possível obter outras medidas de largura.

Este sítio está documentado em relatório de prospecção (Henriques, 2016) mas não tem CNS atribuído pela DGPC.

#### 2. Pedreira (Sobreira Formosa, Proença-a-Nova)

O podomorfo de Pedreira foi gravado num bloco de rocha metassedimentar que integra a estrutura de um edifício localizado na aldeia homónima, na freguesia de Sobreira Formosa, do concelho de Proença-a-Nova<sup>5</sup> (figura 5). A aldeia situa-se na margem esquerda da ribeira da Fróia sobre um meandro apertado e na respectiva encosta. Ao edifício referido encostaram um outro e ambos se encontram na parte mais elevada do meandro, à cota de 416m. No meandro, o casario assenta sobre bancadas rochosas das quais se extraiu a pedra utilizada naquelas construções.

É provável que o bloco gravado tenha sido retirado dos afloramentos existentes nas imediações do casario. A *patine* da gravura parece antiga, ao contrário dos três cortes metálicas que se observam imediatamente abaixo desta. Contudo, a centralidade do podomorfo, no bloco, sugere que este tenha sido gravado já com o bloco talhado e na posição em que se encontra actualmente.

O bloco gravado integra o cunhal sul de uma casa (figura 6). A superfície gravada tem configuração rectangular (54cm de comprimento por 20cm de largura) e é atravessada, longitudinalmente, por pequenas fissuras. Segundo o geólogo Carlos Carvalho "o bloco usado resulta de um fragmento de uma camada (metagrauváquica?) truncado em secção perpendicular por uma falha vertical em cuja superfície houve precipitação de quartzo, o que é muito comum na zona"<sup>6</sup>.

Como referido, na área central do bloco foi gravado um pequeno podomorfo (figura 7), representando um pé esquerdo, calçado, com 7,7cm de comprimento e larguras a variar entre 3,1cm e 3,6cm. A gravura foi insculpida com picotado de dimensões médias, contínuo e pouco

<sup>6</sup> Informação prestada por correio electrónico a 8 de dezembro de 2018 após visualização de fotografias.

.

 $<sup>^{\</sup>rm 5}$  A gravura foi identificada em 2015 no âmbito do Campo Arqueológico de Proença-a-Nova.

profundo, que apenas removeu a superfície correspondente à fina capa de quartzo. Abaixo da parte anterior da pegada observam-se três incisões abertas com instrumento metálico tendo cada uma delas cerca de um centímetro de comprimento, bem diferente do picotado da gravura. No canto superior esquerdo do painel observa-se uma outra gravura, finamente incisa, com 2,8cm de altura e a configuração do algarismo 1 (Figura 7).

Refira-se que neste local foram observados outros blocos disformes, integrados em muros, com gravuras incisas, equiparáveis às que se observam na Pedra das Letras (Henriques & Caninas, 2009) e às quais de atribuiu uma cronologia convergente com a de muitas figuras podomórficas. Estas gravações têm espessuras e profundidades diversas. Num dos blocos parece observar-se uma estrela de cinco pontas.

Este sítio está documentado em relatório de prospecção (Henriques, 2016) mas não tem CNS atribuído pela DGPC.

#### 3. Considerações finais

A primeira observação acerca destas quatro representações de pés corresponde ao facto de se inscreverem num espaço geográfico para o qual não era conhecido este motivo no contexto dos grafismos rupestres. Podemos afirmar-se que representam um nexo geográfico entre as representações patentes no vale do Tejo e nas serras da Cordilheira Central.

Além do microtopónimo, Rasto da Moura, que pode ser sinónimo de pegada ou vestígio dela, não identificámos lendas associadas aos dois locais mencionados.

Partindo do pressuposto que o bloco de Pedreira tem uma origem local verificamos que ambos os sítios se encontram junto de linhas de água (Barroquinha do Muro e ribeira da Fróia<sup>7</sup>) e de caminhos activos. Esta convergência foi também observada na Cordilheira Central (Ribeiro

A densa cobertura vegetal que constitui a galeria ripícola destes cursos de água impede que se realize uma prospecção sistemática e adequada no sentido de encontrar outros painéis gravados.

et al., 2010:205) e na arte do Tejo cujos podomorfos se localizam nas margens daquele rio, em áreas de cachões, locais de mais fácil transposição do rio. Entre os rios Douro e Minho, são assinalados vários sítios próximos de cursos de água ou de nascentes (Moreira, 2018).

Os podomorfos agora divulgados, de acordo com o conhecimento actual, "surgem isolados e não em grandes conjuntos", tal como na arte do Tejo (Gomes, 2010:242), ao invés do que tem sido observado na Cordilheira Central, cujo conjunto mais próximo se situa em Sesmarias (Oleiros).

Os motivos agora documentados foram executados por picotagem e baixo-relevo, seguindo um padrão identificado para áreas próximas ou mais distantes. Contudo, nas margens do Tejo o picotado é técnica exclusiva.

As pegadas de Barroquinha do Muro e de Pedreira são, como referido, três figurações do pé esquerdo e uma do direito. Na arte do Tejo, com um total de 66 podomorfos, predomina também a representação do pé esquerdo, com 34 representações (51%), 21 casos a corresponderem ao pé direito (32%) e 11 (17%) indeterminados (Gomes, 2010: 241). "O aspecto mencionado pode relacionar-se com procedimento de caracter ritual mas, também, com o facto de para operador dextro ser mais fácil proceder a esboço gravado do contorno do seu pé esquerdo do que se o modelo fosse o pé direito" (Gomes, 2010:239).

Para a faixa atlântica a representação do pé direito ou esquerdo não é tão díspar como na região tagana. De facto, dos 219 podomorfos inventariados (Moreira, 2018:283) 82 (37,5%) pertencem ao pé esquerdo, 79 (36,1%) ao pé direito e 58 casos (26,4%) são de natureza indeterminada. Nesta região os podomorfos ocorrem maioritariamente aos pares, em 118 casos (53,9%), sendo isolados os restantes 89 (41,6%). Esta característica é bem diferente na arte do Tejo onde apenas existem dois pares. Os casos vertentes correspondem a um par e a dois motivos isolados.

Quanto à tipologia, os quatro podomorfos em estudo pertencem à categoria de "sem decoração" (Ribeiro et al. 2010). Os de Rasto da Moura são da subcategoria de "sem sola" e o de Pedreira com "sola". De acordo com a tipologia noroestina (2018: 278) as representações de Rasto

da Moura pertencem ao grupo dos "descalços" e o de Pedreira ao grupo dos "calçados" e ao subgrupo "com sola simples".

A orientação dos dois podomorfos de Rasto da Moura é Oeste – Este, uma direcção incomum, representada por três casos na arte do Tejo (Gomes, 2010) e 17 (7,8%) entre os rios Douro e Minho (Moreira, 2010). E o terceiro tem uma orientação Sul, rara nas representações de podomorfos; entre os rios Douro e Minho registaram-se somente 8 casos (Moreira, 2010) e 10 podomorfos descalços na área de Góis e rio Ceira (Inventário APIA).

Quanto ao tamanho o podomorfo de Pedreira, com 7,7 cm de comprimento, representaria o pé de uma criança de muita tenra idade. Nas bacias dos rios Alva e Ceira ocorrem também exemplares de neonatos (Ribeiro *et al.*, 2010:208) tal como na arte do Tejo, com sete casos cujas medidas não excedem os 9,5cm, nos sítios de São Simão e Fratel, sendo qualificados como "*liliputianos*" (Gomes, 2010: 246). Entre Douro e Minho foram inventariadas 44 representações com tamanho inferior a 17cm, atribuídas a crianças com seis anos de idade ou inferior (Moreira, 2018).

Os podomorfos de crianças são associados a rituais de passagem, de agradecimento e tidos "(...) como símbolos de fertilidade, como elementos sacrificiais ou mediadores entre o mundo real e sobrenatural" (Gomes, 2010: 241-242). Geralmente surgem aos pares, "(...) aparecendo quase sempre aos pares, um esquerdo e um direito; formando um par... Esta preocupação em marcar um determinado local, poderá ser a prova da sacralização dos próprios espaços, quer pela continuidade da espécie, representando igualmente a renovação e por isso ligado à fertilidade" (Ribeiro et al., 2010:208).

O podomorfo do tipo calçado pode indicar a sua entrada para a sociedade "(...) that the rites of passage themselves implied a change of social status which, for some of the members, would imply the possibility of going from barefoot to wearing shoes" (Moreira, 2019:42).

Outra interpretação consiste na gravação de um podomorfo de pequena dimensão, não estar associada a uma idade definida, mas representar uma marca de posse, executado quando do talhe do bloco,

considerando que pertence a uma tipologia mais elaborada e aparentemente isolada.

Dois dos podomorfos de Rasto da Moura têm tamanhos diferenciados. O exemplar do lado sul tem 19,6 cm de comprimento e o do lado norte 24,5 cm. O primeiro enquadra-se na média registada para os podomorfos da arte do Tejo que é 18,3cm (Gomes, 2010:243). Esta medida pode corresponder a um pé de adolescente com 14 a 15 anos e representa a grande maioria das representações registadas entre Douro e Minho, com 119 exemplares (49,77%) num total de 219 podomorfos (Moreira, 2018). O podomorfo do lado norte com 24cm, representa o pé de um adulto ou de um sujeito com mais de 14 a 15 anos. José Moreira (2018) regista 51 (23,28%) destes casos na área que investigou. A média geral do comprimento das pegadas parece aumentar de sul para norte (Gomes, 2010:243), com 18,3cm na arte do Tejo, 21,3cm no sítio de Alagoa (Tondela) e 23,4cm em Monte Góis (Caminha). O terceiro podomorfo enquadra-se também na medida correspondente a um adolescente, com 19,9cm de comprimento.

As dimensões dos podomorfos sugerem três jovens. Os podomorfos gravados lado a lado indicam uma provável mensagem espiritual, uma oferenda associada a uma divindade aquática ou de fertilidade. O pé esquerdo na simbologia egípcia, depois adoptada pelos gregos, significava o "primeiro passo" de uma nova etapa, uma nova vida, significado alterado após o domínio romano.

O terceiro podomorfo, um pé direito, é menos comum nas representações do Vale do Tejo (38%) e tem uma direcção associada a gravuras de provável cronologia mais recente (Gomes, 2010).

Quanto à cronologia, e na ausência de quaisquer outros elementos datáveis, cremos estar perante motivos que para outras áreas do país são comummente atribuídos à Pré-história Recente e mais concretamente ao Bronze Final e à Idade do Ferro (Gomes, 2010). Para o noroeste de Portugal é proposto um recuo da cronologia deste tipo de gravuras até aos finais do Calcolítico embora se prolongue até inícios da Idade do Ferro (Moreira, 2018).

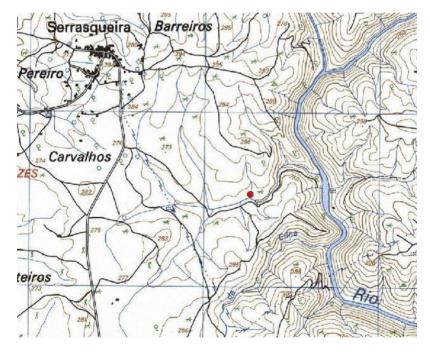
#### Agradecimentos

Ao geólogo Carlos Carvalho (Geoparque Naturtejo) e a Ricardo Alexandre, de Vilares de Cima (Sarzedas, Castelo Branco).

#### **BIBLIOGRAFIA**

- BEN NASR, Jaâfar (2014), Peuplement, territoire et culture matérielle dans l'espace Mediterranéen, *Actes du Cinquième Colloque International du Département d'Archéologie* F. L. S. H. Kairouan, p. 21-29.
- CANINAS, J. C.; SABROSA, A.; HENRIQUES, F.; GERMANO, A.; MONTEIRO, J. L.; CARVALHO, E.; BATISTA, Á.; CHAMBINO, M.; MONTEIRO, M.; ROBLES, F.; CARVALHO, L.; CANHA, A. (2008), Novos dados para o conhecimento da pré-história recente do Maciço Central na Beira Interior sul. *Tumuli* e gravuras rupestres na Serra Vermelha e na Serra de Alvélos (Oleiros-Castelo Branco), in *Actas das I Jornadas do Património*. Belmonte, pp.1-38.
- COIMBRA, Fernando (2009), Exemplos de primeiras abordagens à arte rupestre / contributo para um inventário, *actas do Congresso Internacional da IFRAO 2009* Piauí / BRASIL, pp.347-358.
- GOMES, Mário V. e MONTEIRO, Jorge P. (1974-1977), As rochas decoradas da Alagoa, Tondela-Viseu. *O Arqueólogo Português*, 3ª Série, 7/9, pp. 145-164.
- GOMES, Mário Varela (2010), *Arte rupestre do vale do Tejo. Um ciclo artístico e cultural Pré e Proto Histórico*, Dissertação de Doutoramento em Historia, Especialidade de Arqueologia. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa, 3 volumes, Inédito (https://run.unl.pt/handle/10362/4771).
- HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João (2009), A Pedra das Letras: uma rocha com grafismos lineares (Proença-a-Nova). *Açafa on line*, 2. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão.
- HENRIQUES, Francisco (2016), Relatório de prospecção de 2014 2015, Projecto Mesopotamos, Associação de Estudos do Alto Tejo, inédito.
- MOREIRA, José António Maia (2018), *Podomorfos na fachada ocidental do noroeste de Portugal, entre os Rios Douro e Minho*, Tese de Mestrado em Arqueologia, Universidade do Minho Instituto de Ciências Sociais.

- MOREIRA, José António Maia, BETTENCOURT, Ana M.S. (2019), Depictions of shoeprints in Northwest Portugal, *Heritage*, 2(1), 39-55.
- RIBEIRO, Nuno; JOAQUINITO, Anabela & PEREIRA, Sérgio (2010), O podomorfismo na arte rupestre da fachada atlântica, que significado? *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular, Município de Almodôvar*, Almodôvar, p.201-211.
- SEGURA, Javier Soler (2005), Interpretando lo Rupestre, Visiones y Significados de los Podomorfos en Canarias, *TAPA 33*, *Traballos de Arqueoloxía e Patrimonio*, Santiago de Compostela, p.165-178.
- Relatórios
- Sítios na Internet <a href="http://www.rupestre.net/tracce/?p=9257">http://www.rupestre.net/tracce/?p=9257</a>.



**Figura 1**: Extracto da folha 279 da Carta Militar de Portugal (IGeoE) com a localização do sítio de Rasto da Moura.



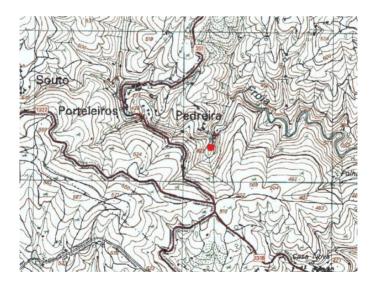
**Figura 2:** Bancadas rochosas e painel gravado no sítio de Rasto da Moura.



**Figura 3:** Par de podomorfos de Rasto da Moura e um terceiro podomorfo a leste dos dois primeiros.



**Figura 4:** Mancha de picotado no sítio do Rasto da Moura.



**Figura 5:** Extracto da folha 290 da Carta Militar de Portugal (IGeoE) com a localização do sítio do podomorfo de Pedreira.



Figura 6: Localização do podomorfo de Pedreira.





Figura 7: Podomorfo de Pedreira.

### **SUMÁRIO**

NOTA DE ABERTURAp. 3		
	ontinuar o caminho – Maria Adelaide Neto S. F. Salvadop. 5	
Benedicta Maria da Fonseca Duque Vieira e Carmo Ferreira – IN MEMORIAM		
-	Nota Biográfica	
SA	SABERES	
-	Grupo de Amigos do Museu Nacional de Arqueologia - Luís Raposo	
-	Noronha da Costa no Museu Tavares Proença Júnior - Ana Lídia Pinto. p. 37	
TERRITÓRIAS E MATÉRIAS		
-	Casa do Ramalho (Penamacor): Um abrigo rupestre com um grande soliforme - Francisco Henriques, Carlos Neto de Carvalho, Sara Ferro, Hugo Pires, João Caninas, Mariana Vilas Boas	
	Anabela Joaquinito, Luís Bravo Pereirap 81	

-	Patri Libero et Liberae - José d'Encarnaçãop. 99
	Uma inscrição islâmica de Serpa no olhar de Francisco Tavares
	Proença Júnior - Miguel Serra, Pedro Miguel Salvadop. 111
-	
	- Joaquim Baptistap. 121
_	
	Candeias da Silva
_	Elementos da acção pastoral e política do 2º Bispo de Castelo Branco
	- D. Vicente Ferrer da Rocha - Maria Adelaide Neto
	Salvadop. 145
_	Os Tavares de Almeida Proença: Política e notoriedade social no
	Portugal do século XIX - Nuno Pousinhop. 173
-	Homenagem à mulher do mundo rural - Manuel Lopes
	Marcelop. 191
-	Pastores. A documentação fotográfica do ciclo pastoril do concelho de
	Idanha-a-Nova - Eddy Chambinop. 197
-	A nossa faladura – arrondear – Anselmo Cunha p. 207
T I	ETRAS E MEMÓRIAS
L	ETRAS E MEMORIAS
_	Dois textos esquecidos de Manuel de Paiva Pessoa: "As obras da Sé" -
	"O Museu Regional Francisco Tavares Proença Júnior"p. 215
_	Dois cataventos: "O Museu Francisco Tavares Proença" – "É
	hordar e receher?" – Manuel Costa Alves n. 227